

Mudança radical

Sentada no sofá, enquanto é entrevistada, Josenilda pensa no trabalho. Olha para o relógio. Diz que precisa ir à Secretaria de Saúde. Há trabalhos para agendar. "Estamos pensando na campanha do Dia Internacional da Mulher, em 8 de março. Faremos uma campanha específica", adianta.

Num instante, lembra-se do irmão, o artista plástico que morreu de Aids em 1992. O homem que foi o responsável pela mudança radical, profissional, pessoal na sua vida. Por um segundo, a voz embarga. Os olhos mudam de expressão. Ela olha para o vazio. Depois, encara o interlocutor e desabafa: "O programa de Aids pra mim é uma missão. Um desafio. E eu gosto de desafios", diz. E revela: "Eu cresci como ser humano. Passei a me ver no outro, a enxergar a dor alheia e a lidar com a diversidade humana. Me tornei uma pessoa menos preconceituosa. Ainda tenho alguns, como todo mundo, mas luto contra eles".

A médica que se dedica integralmente a prevenir uma doença ainda incurável fez do serviço público sua opção de trabalho e vida. Nunca esteve na iniciativa privada, onde os salários são bem melhores. "Meu partido hoje é o SUS (Sistema Único de Saúde)", brinca. E reflete: "Nunca trabalhei apenas pelo dinheiro. Meus colegas podem até me chamar de piegas e idealista, mas eu trabalho por amor. Gosto da Medicina. Gosto de ser médica. Essa certeza eu tinha desde pequena, na Paraíba".

No final da entrevista, Josenilda esboça um sorriso ainda muito tímido. E pergunta ao repórter: "Você acha mesmo que a minha história dá uma matéria de jornal? Eu não tenho nada de excepcional para contar..." Depois, na despedida, dispara: "Pelo amor de Deus, não vá me colocar aí como a Senhora do Destino (*a personagem de Susana Vieira na novela da Globo*)..."

Essa é a história de uma paraibana de sotaque inconfundível que, com a própria dor, resolveu ajudar outras pessoas. E fez disso, verdadeiramente, a essência da sua profissão. Sua melhor escolha. E ela ainda acha que sua história não vale uma matéria de jornal...